TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

# TRUQUE NA MANGA

Diego Mendonça

TRASGO

# COPIE ESTE ZINE!

Este livro pode ser reproduzido, distribuído e copiado à vontade, desde que de maneira gratuita. Baixe um pdf em alta qualidade para impressão no site da Trasgo.
Proibida a edição ou impressão para venda sem autorização da Revista Trasgo.

**Texto:** Diego Mendonça
**Ilustração de Capa:** Rodrigo Fernandes Ferreira
**Edição:** Carlos Freitas
**Revisão:** Santiago Santos

Equipe da Trasgo
**Editor-chefe:** Rodrigo van Kampen
**Editor:** Lucas Ferraz
**Editor:** Sol Coelho

http://trasgo.com.br

# TRUQUE NA MANGA

Diego Mendonça

EDITADO POR
Carlos Freitas

TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

# Truque na manga

## DIEGO MENDONÇA

Editado por Carlos Freitas

— Suas chances de vitória aqui são inexistentes, pirata zeemeeana. Jamais alguém entrou em minha casa e saiu para contar a história. Quando você olha para o abismo, o abismo olha de volta para você.

Diva ostentava um sorriso provocativo, a mão relaxada sobre o cabo da espada-cibernética, a pele brilhando na escuridão cavernosa.

— Quem diria que Nietzsche seria mencionado tão longe assim da Via Láctea.

A criatura, enrolada em sua carapaça densa e ancestral, moveu-se para encarar a zeemeeana azulada. Ameg, o demônio de Narzothed, ocupava um antigo santuário destruído naquele satélite arenoso, e sempre que os habitantes mostravam sinais de avanço na agricultura e tecnologia, ele despertava de seu sono para destruir tudo o que havia sido plantado e construído. Ameg chamava de cobrar tributos, mas o povo de Narzothed, supersticioso como nenhum outro, referia-se ao ritual como "o alimento da besta". *São as plantações ou nós*. Não estavam errados, Diva pensou. Quão avançada estaria a civilização de Narzothed se não fosse Ameg a fazê-los regredir sempre, conforme os milênios passavam?

Diva sentia a trança bater nas omoplatas e o suor escorrer por seus braços musculosos. As pedras no solo vibravam com a respiração do demônio quase grande demais para o seu covil, a aspereza de seu rosnar era potente

o bastante para deixar um ser vivo comum surdo. Mas não Diva.

No entanto, precisava tomar cuidado com aquela criatura. Era sabido que o cérebro ancestral dos Encouraçados possuía terminações nervosas capazes de detectar mentiras. Ela precisava do coração da estrela, mas uma resposta errada e tudo estaria acabado.

— Você ousa vir à minha casa para me perturbar! Ah. Já devorei zeemeeanos antes, todos prepotentes e arrogantes. Lembro do cheiro dos de sua espécie, lembro do gosto. Não é um sabor que eu particularmente adore, mas não desprezo.

— Certo de si, hein? Gosto de derrubar seres invencíveis.

— Minha casca é impenetrável, criatura petulante! Sou capaz de resistir a muitas investidas. Sobrevivi às Guerras Titânicas, das quais nem as estrelas se lembram mais, e ainda estou aqui, capaz de aguentar outro disparo. Você se matou ao entrar em meu covil. O caminho por onde veio, a propósito, é a única saída.

— Hum. Interessante. Eu sou a zeemeeana prepotente e arrogante, certo? Petulante também, esqueci. Mas sabe, acho que você precisa sair um pouco dessa caverna, velho Ameg. O universo mudou muito desde a última vez que alguém tentou dar um chute nessa sua bunda dura.

— Não seja tola! Você está em tremenda desvantagem. Poderia ter um exército consigo e de nada adiantaria, pois sou o Deus deste lugar!

— Deus ou não, antes de tentar me matar, me tire uma dúvida: você sabe cavar?

— Por que eu iria precisar cavar, quando tenho o povo de Narzothed para fazer isso por mim? Cavar, plantar, colher. Não preciso trabalhar. Quando se é o rei do formigueiro, você manda as operárias fazerem tudo a seu bel-prazer.

— Então isso é um *não*, não sabe cavar. Bem, como você mesmo disse, sua couraça é impenetrável, então não vai morrer de imediato, o que vai ser bem pior, porque você vai ficar preso nesse buraco fedido, soterrado sob rochas. Será o final feliz que o povo de Narzothed sempre quis.

— Uma excelente fantasia, zeemeeana, mas está condenada. Se quisesse mesmo a vitória, teria feito a luta acontecer fora da caverna, não dentro, onde quem tem a vantagem sou eu. A escuridão me torna mais forte, pois sou filho do vazio, a treva é o meu *habitat* perfeito. Aqui você é uma barata tonta, um verme!

— Nossa, é sério, cara? Você nem percebeu! Diz que não percebeu, vai ser tão mais legal se não tiver percebido.

Ela encarou a vaga silhueta de Ameg na escuridão. Puxou um dispositivo do bolso da jaqueta e abriu uma tampa. Debaixo dessa tampa havia um botão.

Os receptores psíquicos de Ameg vibraram. A criatura *sentiu* que havia um truque ali, um odor estranho, algo que não condizia com a verdade. Ameg avançou numa velocidade impressionante, como o bote de uma moreia terrena.

— Impossível! — rosnou, erguendo terra e poeira, tentando morder a inimiga diante de si. A imagem de Diva tremeluziu, desfocou e sumiu; Ameg permaneceu exatamente onde a projeção da zeemeeana estava segundos atrás.

O som de uma risada ecoou na escuridão.

— Eu precisaria ser muito idiota para entrar de qualquer jeito na caverna de um Encouraçado. Sério, quanto tempo você ficou aqui? A galáxia de Omega Lux evoluiu muito desde as Guerras Titânicas de que disse ter participado. Tem tecnologia para tudo hoje em dia. Tem até um troço chamado *cafeteira* que passa café sozinho, é o máximo!

— Como isso é possível?

— É, não é? Café que se passa sozinho é incrível! Mas eu entendo seu espanto, tecnologia para um vovô sempre é de explodir cabeças. Aposto que quando chegou no deserto de Narzothed, era tudo mato.

— Seu humor é desnecessário aqui, verme insignificante. Esse jogo é mais velho que você e eu. Truques vencem algumas batalhas, mas a sabedoria sempre vence mais. E devo dizer, é improvável que saia dessa com vida.

— É um bom argumento, contudo, é um argumento baseado em minha estupidez. Um grave erro, Ameg; nunca te ensinaram a não subestimar seus inimigos?

— Não a subestimo, trata-se da realidade objetiva. Uma zeemeeana sozinha, por mais tecnologia que carregue, ainda é incapaz de vencer um Encouraçado de Omega Lux.

— E estou sozinha?

— Indiferente. Não passam de vermes a serem esmagados.

— Confiante, mas ainda estúpido. Não se pergunta para que o dispositivo com o botão serve? Ou pensou que era para desativar minha projeção ilusória? — Ameg não respondeu a isso. As palavras trancaram em sua garganta. A zeemeeana parecia falar a verdade, sentia o cheiro disso, ainda assim havia algo errado — É um detonador, Ameg. Sabe o que são bombas? Estão armadas contra você. Um movimento do meu polegar e BOOM!

— EU SOU AMEG, O ÚLTIMO DOS ENCOURAÇADOS DE OMEGA LUX, DEUS DE NARZOTHED. Nada tenho a temer, sua tola! Não será você a terminar minha vida milenar! Não você nem tampouco a bomba que diz ter armado contra mim.

Depois do urro veio o silêncio. Ameg não sabia se devia se mover de onde estava, embora estivesse inclinado a isso. Com a estática reverberando nas paredes de pedra, a voz

de outro zeemeeano ecoou nas profundezas do covil.

— Desculpe interromper, chapa. Sou Pipo, o namorado da Diva.

Ameg hesitou.

— Só nos seus sonhos, Pipo. Ele não é o meu namorado, Ameg, embora ele queira muito. A gente deu tipo, um beijo... uma vez.

— Ela se faz de boba, mas gosta dos encantos do Pipo — disse uma terceira voz. Era Selma, a amiga terrena de Diva e Pipo. — O lance deles é um baita clichê de novela. E não foi só um beijo, me engana que eu gosto. Diva tem um fraco pelos destilados de Alpha Centauri e não aguenta as cantadas do Pipo com o álcool na mente.

— Mentira isso aí. Se não me lembro, não aconteceu — disse Diva.

— Como *ousam* debochar de mim...

— Jamais, Ameg, fica sussa, é só para descontrair, aliviar o clima tenso e tal. A Diva não admite o nosso romance e a Selma viaja na maionese. — Pipo soltou uma risadinha. — Bem, a questão é a seguinte: enquanto ela ficava nesse *blá blá blá* aqui, a Selma terminou de mapear geologicamente as falhas da colina acima da sua toca, e eu depositei um monte de bombas nas fissuras das rochas. Um clique no botão do detonador e são fogos de artifício para todo o lado, a última coisa bonita que vai ver antes de morrer.

— Sabe de uma coisa muito maneira, senhor Ameg? Vou te chamar assim, se não se importa — disse Selma. — Minha mãe era chata com esse lance de "senhor" e "senhora", sabe? Isso ficou comigo até depois de adulta, não consigo deixar de chamar gente mais velha de senhor ou senhora. Então, a coisa maneira. Sabe o que é maneiro, senhor Ameg?

— Chega de mistério, gente — disse Diva. — Tenho certeza que "O Último dos Encouraçados" tem mais o que

fazer.

— Sabe o que é maneiro? — insistiu Selma.

— O quê? — perguntou Pipo.

— Era para o senhor Ameg perguntar, Pipo. Não você. Você já sabe.

— Sei do quê?

— Da Diva.

— Eu sei muitas *coisas* da Diva. Vai ter que ser *beeeem* mais específica.

— Eca. Eu não estou a trocentos quadrantes da Terra para ouvir das mesmas nojeiras. Eca mesmo. Vocês não fizeram o que eu estou pensando que fizeram, né?

— A gente já fez muitas *coisas* juntos — disse Pipo, sorrindo.

— Muito obrigada por colocar a imagem na minha cabeça, Pipo. Que nojo.

— A questão é a seguinte, Ameg — Diva interrompeu bruscamente. — Vou entrar no seu covil para pegar o coração da estrela que você esconde sob sua carapaça. Vamos usar a energia estelar como núcleo para a nossa nave, consertar o problema da tração cósmica e adeus Omega Lux. Então é só nos dar o que queremos e Narzothed novamente será toda sua. Simples, não acha?

— Quando entrar em meu covil — Ameg sibilou. —, deleitar-me-ei em sua morte. Deleitar-me-ei nas lágrimas e lamentos de seus amigos. Depois eles serão os próximos!

— Hum. Acho que ele não ouviu a parte de explodir tudo — disse Pipo.

— Claro que não. Você e Selma ficaram falando patavinas. Ele deve ter ficado confuso — disse Diva.

— Agora a culpa é minha? Culpe o seu namorado que ficou falando das nojeiras que vocês fazem quando não estou perto — Selma retorquiu. Pipo deu uma risadinha. — Viu só?

— Ameg, mil perdões. Queremos dizer que, se as bombas explodirem, você não vai morrer pelas explosões, mas soterrado.

— Tolice! Mesmo que planetas caíssem em cima de mim, eu seria capaz de resistir ao impacto. Sou o último dos encouraçados!

— É, você já disse isso, cara. — Diva revirou os olhos. — Perdeu o efeito maneiro quando repetiu para impor medo.

— Diva tem razão — disse Pipo. — Repetir o rolê é zoado. "Eu sou isso e sou aquilo" não cola. O que vale são as atitudes, sacou? O gingado de malandro, a cara de malvado (mas o coração bonzinho).

— Além disso, Ameg, acho que não compreendeu a gravidade da sua situação. Não é a queda das rochas que vai te matar. Por isso perguntei se sabia cavar. Pode resistir ao impacto, porém não vai resistir à fome nem ao ar faltando. Caramba. Devo estar dando soco em ponta de faca aqui... conta aquela história pra ele, Selma. Ela exemplifica bem o que estamos tentando dizer.

— Ah, sim! Senhor Ameg, já ouviu falar dos *Doze Trabalhos de Hércules*?

Ameg continuava num silêncio taciturno. Esperava para ouvir o que os inimigos tinham a dizer antes de fazer outra investida. Falavam tolices na maior parte do tempo, mas precaução nunca era demais. De todos os Encouraçados de Omega Lux, Ameg era o mais precavido, também o de temperamento menos explosivo. Justamente por isso sobrevivera tanto tempo. A zeemeeana dissera que ele a estava subestimando, mas Ameg jamais faria isso. Não era de sua natureza.

— Hein, senhor Ameg, essa história é velha pra caramba lá na minha colônia natal. É longe, Via Láctea e tal. Está a uns vários quadrantes daqui. Pois bem, veja só, lá nos

Doze Trabalhos de Hércules, tem um cara que se chama Hércules (dã) e ele tem vários trabalhos porque matou a própria esposa e filha num ataque de raiva e ele se sentiu bem culpado, sabe? Esses trabalhos são meio que uma forma de pagar os pecados por isso.

— Hum — fez Ameg.

— Os Doze Trabalhos eram uns negócios absurdos de difíceis. Num deles Hércules teve que capturar o Cérbero, um cão de três cabeças que guardava o Tártaro, o lugar para onde os seres vivos vão quando morrem... esses são detalhes que não importam agora. O feito, no entanto, ainda assim é impressionante. Também teve a Hidra de Lerna, uma serpente que ao ter a cabeça decepada, duas nasciam no lugar. Nessa batalha ele teve ajuda do sobrinho dele, Iolau, que cauterizava as cabeças arrancadas para não nascerem outras no lugar. Outra grande façanha, porque a Hidra de Lerna cuspia veneno e era imensa. Hércules foi muito corajoso ao lutar contra ela.

— Onde quer chegar com isso?

— Calma, senhor Ameg, eu só estava explicando quem era Hércules para você compreender o personagem! — Selma limpou a garganta. — De todos os trabalhos dele, qual nos interessa, é o trabalho em que ele enfrentou o Leão de Nemeia.

— Presta atenção, Ameg — disse Diva. — é muito importante que entenda essa parte.

— O Leão de Nemeia era imenso, tinha presas assustadoras e um rugido que botava todos para tremer. E Hércules era forte, tinha a força de cem terrenos se não me engano, ou era mil? Ah, não importa. Ainda assim, Hércules não conseguia dar cabo do Leão de Nemeia, porque olha só, o Leão de Nemeia tinha esse lance de ter a pele dura, *impenetrável*, completamente diferente de qualquer outro leão da Terra. Acontece que Hércules tentou de todos os

jeitos matar o Leão de Nemeia e não conseguiu, então, quando fracassou em tudo, encurralou o animal e o sufocou. O Leão de Nemeia podia ser "casca grossa", mas o que adianta ser durão se não consegue respirar?

Ameg não respondeu. Uma jogada velha, mas muito efetiva contra adversários. Uma vez que se extravasa, o inimigo sabe como você está pensando, mas o silêncio pode significar muitas coisas. Ele podia estar com medo, pensativo, indiferente. Não tinham como saber. O Encouraçado podia não ser inteligente, mas era ardiloso, Diva logo percebeu. Ela desenroscou um cantil com conhaque de Alpha Centauri, deu um gole e abriu o canal de comunicação privada entre os piratas:

— Vou entrar. Se ficarmos aqui enrolando, vai dar ruim eventualmente. Ameg pode acabar perdendo a paciência e só as estrelas sabem o que esse demônio é capaz de fazer.

— Não seja imprudente. Espere para ver o que ele tem a dizer — disse Selma.

— Ou ele nos dá o coração da estrela ou não dá. Se ele me atacar lá dentro, só significa que não vai dar o que queremos, obviamente. E se eu não entrar, mesmo que eu não morra lá, vamos morrer aqui. Zero chances de resgate.

— É uma má ideia, Diva — disse Pipo, sério. Não era de seu feitio ser tão apreensivo.

— Se vocês têm uma ideia melhor, falem, estou ouvindo.

— Não quero que morra — disse Pipo.

— E eu não quero morrer, mas não temos escolha.

— Eu vou no seu lugar — disse Pipo. — Fique aqui com a Selma.

— Você é o nosso engenheiro, Pipo — disse Selma. — Eu e Diva somos dispensáveis, mas você precisa ficar vivo para consertar a Andorinha. E eu nem sei o que é o coração

da estrela. Se você pegar uma pedra de Narzothed e me disser que é o que precisamos, eu acredito.

— Ela tem razão, Pipo. É você quem vai consertar a Andorinha para darmos o fora daqui. E sou eu quem deve encarar Ameg. Sou a mais dispensável de nós. Selma sabe pilotar uma nave como ninguém. Nem isso eu sei fazer direito. Querendo ou não, sou a inútil do grupo. Só sei beber e atirar com minha *blaster* em vagabundos trapaceiros. E minha *blaster* está descarregada, nem nisso posso ajudar.

— É a melhor lutadora de nós — disse Pipo.

— Pode ser, mas manejar a espada-cibernética nos ajuda agora? Não contra um Encouraçado.

— Cara, por que a Andorinha foi dar pau logo aqui? — lamentou Pipo, agachando-se. Como um menino, começou a rabiscar linhas na areia com o dedo.

Diva abriu o canal de conversa para Ameg. Ouviam apenas o rosnar barulhento do gigante casca grossa, autointitulado Deus de Narzothed.

— Estou entrando na caverna, Ameg. Espero que seja gentil comigo e seremos gentis com você. Se eu perder o contato com meus amigos por poucos segundos, eles vão acionar os dispositivos e te deixar aqui soterrado para morrer sem ar. Lembre-se bem da história do Leão de Nemeia. Nós somos Hércules, você o leão.

— Pois se o que almeja é a morte, venha até mim!

Diva congelou na entrada do covil, a luz dos dois sóis de Omega Lux fez projetar uma sombra bem delineada da zeemeeana dentro da caverna. Ameg podia vê-la tremer. O demônio gargalhou, a confiança do trio não era aquilo tudo.

O coração da estrela, na verdade, não representava nada à criatura, mas apenas o fato de ser a salvação para o trio de piratas, deixava-o irritado. Vieram pomposos com um plano de lhe fazer parecer idiota; zombaram de sua ignorância; da idade; querendo lhe tomar o único bem

material que adquiriu em troca da vida. Como poderia aceitar isso? A história do Leão de Nemeia, no entanto, era boa, deixou-o impressionado. Vira milhares de Encouraçados sucumbirem ao espaço sideral após terem o tanque de ar destroçado. A explosão do covil com certeza seria o seu fim e, com mais certeza ainda, era o que o povo de Narzothed ansiava. Ameg, então, viu-se num impasse, e odiava isso, odiava mesmo. Já tivera muitos tolos lhe pressionando em sua toca para ter o coração da estrela, mas poucos tão bons quanto o trio. Seria um blefe? Estaria velho demais para contar com sua habilidade de cheirar mentiras? Talvez se pudesse fazê-la falar mais, captar alguma coisa. A espada trêmula da zeemeeana podia ser puro medo de uma criatura superior, ou o temor de ser pega mentindo.

— Que foi, Ameg, está inseguro?

— Eu poderia dizer o mesmo. Você estava certa de si e agora parece que vai se urinar.

— Covardia não é um dos meus defeitos, garanto. Mas, e aí? Vai me dar esse coração de estrela ou a gente vai ficar se encarando até ver quem pisca primeiro? Eu sou boa em não piscar, já até ganhei concurso disso.

— Diga-me, zeemeeana. Como vieram parar em Narzothed?

— Tem a ver com um crocodiliano. Longa história.

— Tenho tempo de sobra.

— Eu sei o que está tentando fazer, Ameg. Não vai funcionar. Você não vai me fazer cair em contradição. Não há contradição, aliás.

— Tenho minhas dúvidas.

— Dúvidas ou não, quanto mais ficarmos aqui batendo papo, mais vamos perder tempo. Até onde sei, você tem um povo para punir depois da nossa decolagem. Já meus amigos e eu temos naves e planetas para assaltar. A vida é como ela é, mas nenhum de nós precisa morrer por causa de

birra. Queremos o coração da estrela e já era. Que tal fazermos uma trégua?

— Que tipo de trégua?

— Uma que ninguém ameaça tirar a vida de ninguém, para começar.

— Tudo bem.

— Ótimo, então me dê o coração da estrela, por favor.

— Muito fácil pedir, estou perdendo nessa "trégua".

— Como perdendo? Em troca eu não explodo o seu covil.

— O problema é esse. Nada garante que ao dar o coração da estrela, vocês não me matarão. Não há honra entre ladrões.

— Você é cheio dos clichês terrenos, Ameg, alguém já te disse isso? Bem, pense comigo: se você entrega o coração da estrela e a gente detona as bombas, você morre. Se você não entrega, a gente detona certamente. Nessas duas situações você morre, só que há a situação em que você sobrevive, basta colaborar. É uma chance em três, concordo, mas antes uma do que nada.

— Você tem 50% de sobreviver a isso — Pipo disse.

— A tua matemática é uma tragédia, cara — Selma revirou os olhos. — Não tenho ideia de como virou um engenheiro espacial.

— É 33% e uns quebrados as chances de sobrevivência — Diva disse. — Não é muito, mas é alguma coisa. O que me diz?

Silêncio.

Ameg pensava. Por fim falou:

— Talvez eu queira tomar a decisão errada.

Diva nada disse depois disso. Não havia opção para ela que não entrar e voltar com o coração da estrela.

— Capitã, volte — Pipo disse ao vê-la mergulhar na escuridão. — Diva!

Fez que ia até ela, mas Selma o impediu. O sol castigava e em não muito tempo a noite de Narzothed cairia sobre suas cabeças.

Houve um silêncio sepulcral depois disso, e muito tempo se passou com Pipo e Selma chamando por Diva no comunicador. Ela não respondia, era como se não houvesse ninguém no outro lado da conexão. Pipo pegou o detonador, mas Selma o segurou.

Com lágrimas nos olhos, Pipo disse:

— Não me torture, Selma. Diva está morta. Ameg tem que morrer!

— Se Diva está morta, por que é que Ameg não nos atacou ainda? Tenha fé. Acredite que ela vai voltar!

Estática. Silêncio. Estática. Mais estática.

O vento soprou forte, levantando uma poeira áspera que lixou o rosto de ambos. Quando deram por si, viram Diva saindo da caverna, jogando para o alto e pegando no ar uma pedra azul-ciano. Ela assobiava.

— Eu sei, eu sei! — A capitã do trio se desculpou ao ver as lágrimas nos olhos dos outros dois. — Eu derrubei o comunicador na caverna e o perdi.

Pipo caiu sentado no chão e berrou alto.

— Não me assuste assim nunca mais!

Selma abraçou Diva e riu alto, dando pulinhos.

— Ai que bom! Que bom que está viva. Que bom!

— Comovente o amor de vocês por mim, mas não temos tempo a perder. Pipo, pega esse treco aqui e arruma logo a Andorinha. Ameg cedeu um fragmento do coração da estrela, mas eu quase tomei uma dentada no processo.

— Fragmento? — Pipo estranhou. Ainda tinha lágrimas nos olhos.

— É. Isso aí é só um pedacinho. O coração da estrela é bem maior. É uma estrela, né. Eu não ia conseguir trazer inteira nem que quisesse muito.

— E esse tanto serve? — Selma indagou.

— É para servir — Diva disse. — Não vou entrar lá de novo nem ferrando.

Pipo correu para fazer o conserto da nave e levou a noite de Narzothed inteira para fazer o núcleo energizar e devolver a tração cósmica. Com isso, Selma fez a Andorinha decolar, e o trio, finalmente, saiu daquele lugar horrível.

Não deram *tchau* para o inimigo, mas cumpriram a palavra. Não acionaram o detonador. Assim que Ameg ouviu o som da nave pirata partindo, respirou fundo e preparou-se para sair de seu covil. Alguém teria de pagar pela sua inconveniência, e o povo de Narzothed existia para isso. O colosso insectoide ergueu-se em suas quatro patas, imponente, a casca marcada por incontáveis batalhas, um sobrevivente das Guerras Titânicas. Mas antes que pudesse se mover, uma sequência de explosões rugiu, seguida de uma pressão monumental que caiu sobre sua couraça, paralisando-o. A caverna fechou-se como uma tumba, e ele sufocava sob milhares de toneladas de rocha, terra e areia.

— Malditos piratas! Malditos sejam eles!

Já em hipervelocidade, Diva gargalhava junto dos dois amigos. Não tinha mentido ao dizer que *eles* não detonariam as bombas, mas não falou nada sobre darem o detonador para o povo de Narzothed.

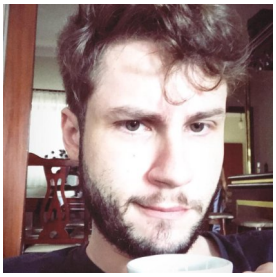
## Texto

DIEGO MENDONÇA, NASCIDO EM 1991, GAÚCHO DE PORTO ALEGRE, É MAJORITARIAMENTE AUTOR DE FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR, EMBORA ESCREVA DE TUDO UM POUCO. TEM CONTOS PUBLICADOS POR DIVERSAS EDITORAS E REVISTAS. TAMBÉM ORGANIZOU UMA COLETÂNEA CHAMADA “DOSSIÊ MACABRO: OVNI”, PELA EDITORA DIÁRIO MACABRO.

EM 2019 PUBLICOU SEU PRIMEIRO ROMANCE: “O DIA DE SATURNO”, UMA MESCLA ENTRE A FICÇÃO CIENTÍFICA E O HORROR.

EM 2020 PUBLICOU UMA COLETÂNEA COLABORATIVA COM O ESCRITOR FÁBIO ARESI, O LIVRO SE CHAMA “ROLETA-RUSSA COM 6 BALAS”.

## Ilustração



RODRIGO FERNANDES FERREIRA TEM 28 ANOS, NASCIDO EM CAMPINAS INTERIOR DE SÃO PAULO. É ILUSTRADOR, ESCRITOR, DESIGNER E VICIADO EM CAFÉ. ATUA COMO ARTISTA FREELANCER DESDE 2015, ATUANDO EM STORYBOARDS PARA COMERCIAIS E ILUSTRAÇÕES SOB ENCOMENDA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE. COMO ESCRITOR COMPÕE SUA OBRA E FUTURO LIVRO DE FICÇÃO. NA REDE @RODRIGOCONCEPTART VOCÊ PODE ACOMPANHAR SEU TRABALHO.

# Diva espacial

## DIEGO MENDONÇA

Minha personagem "Diva" nasceu com o intuito de integrar a antologia "Multiverso Pulp: Ópera Espacial", da Avec Editora. Animado com a ideia de poder fazer parte de algo que leva um selo pulp, escrevi o conto "Truque na manga". Mas em meados de abril-maio de 2019 eu ainda era um zero à esquerda em relação à ficção científica. Eu não consumia nada do gênero na literatura e raramente no audiovisual, embora já tivesse tido uma ou duas investidas bem-sucedidas como escritor no tema. Fiz uma pesquisa bem malfeita, confesso, sobre o que era "Ópera Espacial" e cheguei à conclusão de que tinha a ver com "Star Wars" e "Star Trek". Serei rechaçado por esta minha opinião impopular, mas não gosto muito de ambas as obras, pelo menos não no nível de hype que o povo parece idolatrar. Acho isso até frustrante, porque não consigo fazer parte da conversa de amigos, e pior, acabei não tendo as referências óbvias para executar o texto que eu precisava mandar para a antologia. Mas eu o que eu tinha era a referência de um filme mais recente e foi nele que me escorei para traçar minha trama. Se não fosse "Guardiões da Galáxia", eu provavelmente teria executado um conto péssimo. Diva não seria o que é e provavelmente eu não estaria escrevendo sobre esse texto aqui e agora.

Bem, deixe-me contar mais sobre como a personagem veio ao mundo! Sentei em frente a um

processador de texto e deixei minha mente me levar. Existem autores de vários estilos: os que planejam muito, os que planejam pouco e o Diego Mendonça, que não planeja nada. Meu subconsciente guarda umas coisas malucas, eu jamais imaginaria que a Diva, Pipo e Selma estariam esperando a vez deles de ter a sua chance de brilhar. Contudo, por mais que eles fossem as estrelas da história, eu era o diretor ruim, porque o conto "Truque na Manga" **não é** uma Ópera Espacial! Se eu fosse categorizar com uma etiqueta correta, eu diria ser um *Romance Planetário*: uma fantasia-espacial em um planeta isolado, uma situação mais contida e retraída, sem grandes superpoderes e o caráter épico. "Truque na manga" é sobre uma barganha com o Diabo, e só. É uma história em que não tem porrada e pancadaria, o que é até estranho para mim, já que me especializei em histórias de aventura e praticamente só narro gente saindo no braço. Como eu não entendia muito do gênero naquele passado não tão distante, dei o texto para o Bryan Mendonça, meu primo e leitor *beta*. Ele leu, gostou bastante, disse que o conto estava muito legal, mas não era Ópera Espacial. Quase 5.000 palavras de texto e eu errei meu objetivo. Que feio, Diego. É como atirar com um tanque de guerra mirando um prédio e acertar a casinha que está ao lado.

No mercado editorial, se um editor diz que quer tal coisa, você entrega o que ele está pedindo. O mesmo serve para uma correção. Pode ser bobo, mas se foi dito que tal coisa está esquisita, é porque está, não adianta bancar o turrão, ninguém sai ganhando nisso, bem pelo contrário. Nesse caso, um Romance Planetário não é uma Ópera Espacial, por mais que pareça bastante. O leitor não precisa saber a diferença entre um e outro, mas um escritor que almeja escrever sobre o assunto certamente sim. Então eu parei para respirar, pensei no que eu poderia escrever,

forçando novas ideias. Meu primo/leitor sugeriu vários temas interessantes para abordar.

Assim sendo, tentei de novo. Criei outro conto da Diva, de título "Verde e Vermelho". Dessa vez situei a ação dentro de um Cruzador Espacial de Gala, para não haver erro. Batalha de nave no espaço certamente tem um *quê* de Ópera Espacial. Como em "Truque na manga" os Piratas da Diva estavam presos em Narzothed, achei interessante contar a história que precedia este evento e os jogava naquela lua desértica. Aprendi com os autores *pulp* (como Robert E. Howard, H. P. Lovecraft, Isaac Asimov, Edgar Rice Burroughs) que é possível contar a história do mesmo personagem de forma concisa e redonda, dando apenas detalhes mínimos, para assim conectar sutilmente com outras possíveis histórias que eu pudesse escrever futuramente, cada uma funcionando por si própria, independente da ordem que o leitor tivesse tido contato com a personagem. Meu primo aprovou o segundo conto da Diva e eu submeti para a Avec Editora. Fiquei muito orgulhoso de ser um dos nove selecionados. Esse texto todo até aqui foi para dizer que Diva é uma anomalia da natureza. Ela nasceu contra as probabilidades. Ela desafiou a ignorância do próprio criador e forçou o próprio caminho. Como um autor não adoraria uma personagem tão viva assim?

Animado com a aprovação de "Verde e Vermelho", "Truque na manga" acabou ficando de lado. E não porque era ruim (é o oposto disso), mas porque não se encaixava exatamente no que pedia o edital. E eu soube reconhecer isso, acertei em não o ter submetido. Por mais legal que fosse, teria sido recusado.

Quando vi a revista Trasgo aberta para submissões, dei uma corrigida no texto e tentei a sorte. O resultado? Bem, você já sabe.

Lá por agosto de 2019 eu estava mergulhando em clássicos e mais clássicos da ficção científica. Por meses e de modo frenético minhas leituras foram todas dentro do gênero . Ou seja, o sujeito que escreveu a primeira versão de "Truque na manga" não é o mesmo que escreve este texto. Li dezenas de livros, vi filmes, animes e etc., por prazer e pela pesquisa. Não foi forçado, foi natural, e acho que é aí que vem o barato disso tudo. Antes eu dizia ser autor de horror, mas agora me considero autor de ficção científica. Além de consumir, eu produzi febrilmente contos, novelas e até um romance *cyberpunk*.

Diva ganhou vários contos — ainda não publicados — como haveria de ser. Na verdade, fechei um romance *fix-up* com ela, que se inicia em "Verde e Vermelho" e termina num conto chamado "No limiar" (isso se nenhum editor mudar o título até eu conseguir publicar). Outra coisa que eu passei a notar é que escritores de ficção científica têm pouco espaço de publicação nesse campo do fantástico. Muitas vezes o texto precisa ser camuflado como horror ou fantasia (veja meu romance publicado "O dia de Saturno"), para fazer encaixar numa antologia de editora Y ou edital X. É raro você ver uma publicação de qualidade como a Trasgo, a Mafagafo ou as edições Multiverso Pulp da Avec Editora, darem espaço para que você publique uma aventura espacial, histórias de robô ou uma crítica social dentro de uma distopia. Não à toa as revistas e editoras citadas estão sempre abarrotadas de textos e demoram a avaliar tudo o que receberam. Certamente há colegas escritores dando o seu melhor, mas se comparado ao horror ou à fantasia, estamos longe de sermos a primeira opção de uma editora. O que é uma pena. Sei que há muitos leitores por aí sedentos por muito, muito mais ficção científica.

Como eu disse, escrevi muitos contos sobre a Diva e seus piratas. Não dei muita atenção a Pipo e Selma, não

consegui focar tanto neles como deveria. A capitã do trio foi o meu foco, ela é o astro do *show*. E acho que ela me daria uma surra e tanto se fosse diferente.

De início, quando comecei a rabiscar as primeiras páginas de "Truque na manga", eu não sabia o que estava fazendo. Psicografei quase 5.000 palavras sem ter pista alguma onde isso ia terminar. Quando entendi a personagem ao finalizar o primeiro rascunho, percebi que eu tinha quebrado algumas convenções do que eu já entendia na época como ficção científica. Diva é uma mulher musculosa, uma *She-Hulk* de pele azul e esquentadinha. Na verdade, "mulher" nem seria preciso dizer, já que ela é uma *zeemeeana fêmea*. Pipo é o seu casinho não assumido, um *zeemeeano macho* bem menor que a capitã (é da natureza de Zeemee os machos serem baixinhos). E a Selma, bem... Selma é a Selma. Não fui muito longe no enredo da personagem, embora eu possa afirmar que a terrena do trio é um elo extremamente importante nos Piratas da Diva (leia o conto "Verde e Vermelho". Se eu explicar muito, o *spoiler* come feio).

Ao dizer que Diva é o astro das histórias, é quase literal, porque tudo gira em torno dela. Conforme fui aprendendo sobre os diferentes elementos de uma verdadeira Ópera Espacial — impérios intergalácticos, exércitos estelares e, bem, a lista vai embora —, quis brincar bastante com isso nesse romance *fix-up*. Explorei vários subgêneros e ouso dizer que escrevi contos tão bons quanto "Truque na manga" (embora eu seja *ultrasuspeito* para afirmar isso, é pior que uma mãe chamar o filho de lindão).

Posso ficar páginas e páginas aqui dizendo o quanto Diva é legal. E ela é. O mal do escritor é se afeiçoar aos seus personagens. Há textos que escrevemos e ficamos tristes de nos despedir, é fato. No geral consigo lidar bem com isso, mas quando o personagem é muito carismático, aí a lágrima no meu olho pesa a favor das minhas criações. E a

zeemeeana mexeu com os meus sentimentos. Entendo Pipo muito bem, também sou apaixonado por ela.

Comumente digo para amigos escritores que não vou participar de tal edital, porque não entendo nada do assunto proposto ou porque não tenho interesse.

Eles respondem: "Você tinha que tentar algo novo, sair da sua zona de conforto, Diego".

Sempre dou risada.

Diva foi a minha maior saída de zona de conforto literária, botou minha vida de cabeça para baixo. Ela é uma tempestade galáctica duas vezes mais potente, está sempre na minha cabeça. Ela faz o que quer e eu gosto, peço para que me bagunce bastante.

Agora me digam: estou apaixonado ou não estou?

# Madrinhas e Padrinhos

Muito obrigado, de coração, pelo apadrinhamento. Essa edição só existe graças ao apoio destas incríveis pessoas:

*Alexandre Felipe de Sousa, Alvaro Rodrigues, Amanda De Seixas Pina, Ana Rusche, anderson henrique gonçalves, Andrea Oliveira Alves, André Colabelli, Anne Demeneck, antonio farias, Ásbel Torres da Cunha, Bárbara de Lima Morais, Beatriz Ribeiro, Benjamin, Bruno Rauber, Caio Henrique Amaro, Caique Bernardes Leite Cesar, Camila Fernandes, Camilla, Cárlisson Galdino, Carlos Alejandro Rico Guevara, carlos calenti, Carlos Henrique de Magalhães, Carlos Rocha, Carolina Vidal Décio, Caroline Fronza, Catharino Pereira, Cesar Ricardo Tomaz da Silva, Clariana Castro, Claudia Du, Cláudia Fusco, Cleison Ferreira, Conrado de Lima, Cristina Pezel, Daniel Folador Rossi, Davi Ferreira Alves da Nóbrega, Diogo Luiz da Silva Ramos, Diogo Renan Simoes de Lima, Dyego Maas, Edgar Egawa, Eduardo Nunes, Eduardo Peret, Fabiana Ferraz, Fernanda Castro, Fernando Antonio Amaral Silva, Gabriele Gomes Diniz, Gustavo Melo Czekster, Hális Alves, Helton Lucinda Ribeiro, Iana Picchioni Araújo, Igor Mascarenhas, Janayna Pin, Janito Vaqueiro Ferreira Filho, Jan Santos, Jayne de Lima Oliveira, Jefferson Aldemir Nunes, Jessica Fernanda de Lima Borges, José Carlos Suárez da Rosa, Juliane Carolina Livramento, Kali de los Santos, Kyanja Lee, Liége Báccaro Toledo, Lucas Canabarro, Luiz Gabriel Pereira, Marcel Breton, Marcele Batista, Marcelo Baldini, Márcio Moreira dos Santos Filho, Maria Danielma dos Santos Reis, Mauricio Souza Junior, Mayara Barros, Melissa de Sá, Michel Peres, Nina O'Neill, Oghan N'Thanda, Ovídio Augusto Amoedo Machado, Patrícia Souza, Petronio De Tilio Neto, Priscilla Maria Villa Lhacer, Raphael Andrade, Renan Bernardo, Renan Santos, Ricardo De Moura Rivaldo, Ricardo Santos, Roberto de Sousa Causo, Rodrigo Chama, Rodrigo da Gama Bahia, Rodrigo Junqueira, Rodrigo Silva do Ó, Santiago Santos, Tais Assuncao, Talles Magalhães, Thais e Souza Labanca da Silva, Thiago Leite Cordeiro, Tiago de Oliveira Bizachi, vanessa guedes, Victor Bertazzo, Victor Gerhardt, Wendel Spargoli e Wilker Ribeiro.*

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

A Trasgo é uma iniciativa independente que busca trazer os melhores contos de ficção científica e fantasia nacionais ao público. Todo o conteúdo é acessível gratuitamente online.

Saiba mais sobre a Trasgo em

**WWW.TRASGO.COM.BR**